

Ponto de vista

O fim do velho paradigma

Leandro Carvalho Silva
Professor de Filosofia e especialista
em Educação Ambiental
leandropjm@yahoo.com.br

A partir da primeira tentativa de navegação extraorbital, em meados do século passado, começamos a adquirir uma nova visão do planeta Terra. Este novo ponto de vista surge carregando uma série de elementos historicamente relevantes, entre eles uma nova compreensão do *lugar* do ser humano no mundo, bem como de tudo aquilo que nos rodeia.

Durante muitos anos, no período que se convencionou chamar Iluminismo ou Idade das Luzes, em oposição à Idade Média ou "das Trevas", o paradigma adotado foi o do desenvolvimento das potencialidades técnico-científicas humanas à exaustão; o filósofo Francis Bacon expressou de maneira cristalina no primeiro aforismo de sua obra-prima, o *Novum Organum*, a principal característica do ser humano à época: *ministro e intérprete da natureza*, cabia ao homem deitar o universo todo na cama de Procrusto, e moldá-lo conforme suas próprias medidas.

As consequências históricas desse tipo de comportamento, de aceitação generalizada, foram catastróficas. É mais do que suficiente lembrarmos o advento das duas grandes Guerras como ilustração de um modo de pensar que leva muito mais em conta as possibilidades técnicas do que as possibilidades morais do ser humano.

Inadvertidamente, a abordagem que foi sendo construída ao longo do Iluminismo acabou deixando de lado uma certa visão do planeta Terra como a fêmea-Mãe, que nutre e sustenta seus habitantes. Esta visão é historicamente muito mais duradoura do que a que foi elaborada na Europa dos séculos XVI a XIX. Ela remonta aos antigos povos fenícios, egípcios e chineses; tem seus traços na mitologia grega e na tradição judaico-cristã; é encontrada nos povos pré-colombianos, do México à Patagônia.

A partir de uma nova interpretação sobre as consequências do nosso *estar no mundo*, é que foram acontecendo e se desenvolvendo pouco a pouco as várias vertentes da militância pela causa ecológica. Seus primeiros gestos da publicação de *Primavera Silenciosa*, de Rachel Carson; da histórica frase de Gagarin, "a Terra é azul!", quando avistou nosso planeta pela primeira vez a partir de fora; e da elaboração de uma perspectiva *integral* da abordagem ecológica, levando em consideração

aspectos pessoais, sociais e ambientais do nosso estar no mundo.

Felizmente, a cada dia, o conjunto da humanidade vem se dando conta de que não é possível sobreviver harmoniosamente sob uma perspectiva que tem por princípio a exclusão. Está gravado na inscrição genética da humanidade a propensão à colaboração e à cooperação. Desde que éramos apenas presas na natureza, aprendemos a estender a mão, e desde então nunca mais esquecemos. Está lançado o precedente para abandonarmos este modelo de compreensão da relação entre o ser humano e o seu habitat. Seja com relação ao mundo da cultura, seja no plano das relações entre as pessoas, seja ainda com relação ao ambiente físico que nos rodeia, o fato é que temos hoje as melhores condições para fazermos a *passagem* de uma cultura de guerra para uma cultura de paz.

Antes da idade da razão, tínhamos à nossa disposição apenas argumentos do ponto de vista filosófico, ético-moral e religioso para sustentar a necessidade de entendimento, de não agressão, de paz e de preservação. Agora, após a dura experiência de grandes catástrofes, no seio de uma crise de proporções globais, uma crise muito mais ampla do que o mero cálculo financeiro, neste momento, juntam-se argumentos políticos, econômicos, científicos e tecnológicos a nosso favor. Mudar de comportamento não é mais uma questão de gosto, ou de modismo, ou de imposição. É uma questão de *sobrevivência*. Se não compreendermos isso, estaremos à mercê de forças muito maiores que as nossas, forças estas que podem simplesmente eliminar um *mal menor* em favor de uma harmonia possível num conjunto mais amplo.

Explicitamente, a mensagem é a que se retira da leitura da teoria de Gaia, de J. Lovelock: com ele, afirmamos que *a vida é maior do que a soma das vidas*, e que a Vida mesma encontrará a solução possível para este fenômeno muito particular que se lhe apresenta, o ser humano.

**Seja com relação ao mundo da cultura,
seja no plano das relações entre as pessoas,
seja ainda com relação ao ambiente físico
que nos rodeia, o fato é que temos hoje as
melhores condições para fazermos a
passagem de uma cultura de guerra para
uma cultura de paz**